

# “O ESQUADRÃO MATA-BICHA”: Sexualidades fora da norma e violência no Brasil

Victor Hugo S. G. Mariusso<sup>1</sup>

## RESUMO

Partindo de uma questão incômoda observada nesse tempo e espaço em que vivemos na sociedade brasileira, pretendemos analisar a violência contra as pessoas que se relacionam e sentem desejos por outras do mesmo sexo, e que foram classificadas no decorrer da história como pecaminosas, doentias, perversas etc. Usaremos como fonte privilegiada para a análise o jornal *Lampião da Esquina* (1978-1981), primeiro periódico feito por e para homossexuais a circular nacionalmente no país, no intuito de observar como o mesmo se comportou em relação à violência contra os sujeitos que se comportavam fora das normas construídas sobre os exercícios dos corpos e das sexualidades (heteronormatividade). Destarte, faremos uma historicização da violência contra homossexuais no Brasil, retornaremos ao *Lampião da Esquina* para observar seu comportamento como primeiro impresso (em nível nacional) voltado para esse público, para que no final possamos pensar e refletir o papel social da imprensa gay na atualidade, partindo assim para as nossas hipóteses de que há uma violência contra os homossexuais no Brasil e que ela não está presente nas páginas dos periódicos atuais voltados para esses sujeitos. Assim, partindo de uma questão atual, recuamos historicamente, o que nos permite perceber as ações de repressão contra os homossexuais daquele período para que possamos criar perspectivas de futuro no que tange às permanências e rupturas sobre essas ações que excluem sujeitos.

**Palavras-Chave:** Representações, Imprensa Gay, História Cultural.

## ABSTRACT

Starting from an uncomfortable question observed in this time and space we live in Brazilian society, we intend to analyze violence against people who relate and feel desire for others of the same sex, and were classified throughout history as sinful, sick, perverse etc. We will use a primary source for the analysis of the newspaper *Lampião da Esquina* (1978-1981), first journal by and for homosexuals to circulate nationally in the country in order to see how it behaved in relation to violence against subjects who behaved outside the rules built on the exercises of bodies and sexualities (heteronormativity). Thus, we will historicizing of violence against homosexuals in Brazil, then return to the *Lampião da Esquina* to observe their behavior as printed first (nationally) focused on this audience, so in the end we think and reflect the social role of gay press from nowadays, and then put our hypothesis that there is a violence against homosexuals in Brazil and it is not present in the pages of current periodicals focused on these subjects. Thus, based on a current issue, we retreat historically, which allows us to perceive the actions of repression against homosexuals in that period so we can create future prospects regarding the permanency and ruptures on those actions that exclude the stiff.

**Keywords:** Representations, Gay Press, Cultural History.

## “Tem mais é que morrer”

Por volta da última metade do século XIX na Europa, por meio do discurso médico legal, pautado em valores morais e se sentindo no direito de falar e construir falas sobre os

---

<sup>1</sup> Mestre em História pelo Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia. Graduado em Turismo pela UFMS/CPAQ e graduando em História pela mesma instituição. E-mail: vmariusso@hotmail.com.

corpos e as sexualidades, inicia-se a construção daquilo que ficaria conhecido posteriormente como homossexualidade(s), a figura do homossexual. Essa construção veio acompanhada de classificações: *anormais*, *doentios* etc., ou seja, os que não obedecem às normas construídas pela heteronormatividade, construídas sobre os exercícios dos corpos e das sexualidades. Entender o tratamento dado a esses sujeitos num período marcado por um regime militar<sup>2</sup> no Brasil torna-se de grande importância para perceber o quanto a sociedade brasileira foi e é violenta com aqueles classificados como *marginais*.

As normas impostas para uma sexualidade *plena, sadia, correta*, baseada na heterossexualidade e mantida por discursos médicos, religiosos e apoiada também pela mídia matam cada vez mais no Brasil aqueles que não se adequam a elas – homossexuais, lésbicas, travestis, transgêneros e todas as outras tantas classificações existentes na sociedade para identificar quem deve ser excluído, quem é o *outro*, o *marginal*, o *doente*, o *pecaminoso*, o *perverso* etc. É claro que elas firmam identidades, porém pretendemos aqui pensar essas categorizações sobre os sujeitos quando estão voltadas para a exclusão dos mesmos.

Analisar os números que nos são disponíveis em relação aos assassinatos de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros no país é algo complexo. É importante destacar que estamos falando dos que se desviam da norma em todos os sentidos da sociedade heteronormativa, machista, patriarcal, nuclear etc., entendendo que essas identidades existem, assim como existem tantas outras. Assim sendo, apresentaremos três anos de dados recolhidos pelo Grupo Gay da Bahia (GGB), que já faz esse trabalho há mais de vinte anos<sup>3</sup>. Queremos destacar que apresentaremos a presença de uma violência no Brasil contra esses sujeitos para pensar como ela era apresentada no *Lampião da Esquina* (1978-1981), para aí pensarmos a imprensa gay atual e seu papel social.

Trataremos primeiramente aqui dos anos de 2010 a 2012, por meio de dados de assassinatos e algumas outras formas de violência que não levam à morte, mas que causam o mesmo impacto. Nesse período morreram 864 pessoas consideradas à margem da sociedade

---

<sup>2</sup> Os termos *regime militar* e *ditadura militar* merecem uma nota explicativa. Destaquemos que escolhemos trabalhar com tais termos – e não com *ditadura civil-militar* – pelo fato de os autores utilizados nos diálogos para a constituição desta pesquisa utilizarem-se de tais termos e explicitarem essa noção sem excluir os “sujeitos civis”, porém destacando a presença dos militares no poder. Por outro lado, há no Brasil atualmente um revisionismo histórico a respeito de tal período, que possibilitou a alguns autores adotar o termo *ditadura civil-militar*. Não queremos excluir tal discussão, nem tais autores, porém na busca de analisar o período por meio de um periódico, preferimos também adotar o termo que a fonte de análise se utiliza.

<sup>3</sup> O Grupo Gay da Bahia (GGB), coleta seus dados através de um levantamento limitado em jornais e internet. Para o grupo, a falta de estatísticas oficiais sobre crimes de ódio, tais como nos Estados Unidos, que possuem coleta rigorosa de estatísticas sobre “hate crimes”, colabora para menosprezar os dados. O Relatório Anual é realizado desde 1980 pelo GGB, entidade de utilidade pública municipal e estadual, a mais antiga ONG de defesa de direitos humanos dos homossexuais na América Latina. Cf: <<http://www.ggb.org.br/>>

heterossexual, segundo o Grupo Gay da Bahia (GGB, 2013). Cerca de 467 homossexuais, 273 travestis e 36 lésbicas.

Assim como destacou Aroche, “a capacidade humana de praticar crueldades contra os outros tem sido muito maior do que a capacidade de imaginar os outros” (AROCHE, 2009, p. 37). Nesse sentido, as homossexualidades não passam a ser imaginadas legitimamente na sociedade, gerando a ação de eliminar, em vez daquela que poderia pensar o *outro* como ser abarcado de cultura, tão sujeito quanto qualquer um. Não queremos aqui “dar voz aos oprimidos”, mas sim denunciar à violência direcionada a alguns sujeitos no Brasil. A sociedade “desvaloriza os indivíduos, a singularidade, a criatividade e imaginação, a pessoa em cada um, entrava e destrói a subjetividade na medida em que interdita a capacidade psíquica que requer um tempo necessário à reflexão, à relação a si, à consciência de si”. (AROCHE, 2009, p. 53).

O ano de 2010 apresenta 140 casos de assassinatos contra os homossexuais, 110 a travestis e 10 a lésbicas, um total de 260. A região nordeste se mostra a mais violenta, com 112 mortes, 62 delas de homossexuais, 46 de travestis e 4 de lésbicas. Em 2013, os estados que se destacam como os mais violentos são Bahia, São Paulo e Rio de Janeiro (GGB, 2013). Alfredo Veiga-Neto, ao falar da inclusão como algo que exclui, traz-nos uma contribuição que pode ser pensada em relação às sexualidades *fora da norma*. Esses sujeitos algumas vezes são “aceitos” por alguns no sentido político, mercadológico, entre outros, porém, para devidas ações não. O *outro* é posto em sociedade para ser apontado, classificado, localizado, para aí sim ser eliminado. Sobre essa inclusão:

Detectada alguma diferença, se estabelece um estranhamento, seguido de uma oposição por dicotomia: o *mesmo* não se identifica como o *outro*, que agora é um estranho. É claro que aquele que opera a dicotomia, ou seja, quem parte, “é aquele que fica com a melhor parte”. Nesse caso, a melhor parte é *do mesmo* ou, talvez seja melhor dizer: é *o próprio mesmo*. Portanto, o resultado dessa operação não é simétrico, ou seja, essa operação cria, de saída, dois elementos que guardam um diferencial entre si (VEIGA-NETO, 2001, p. 113).

As mortes do ano de 2010 se deram de todas as formas possíveis de representação de ódio pelo *outro*, que se difere de *mim*. Facadas, estrangulamentos, espancamentos, tiros etc. Essas pessoas que perderam suas vidas devido a essa violência construída tinham entre 18 e 30 anos; pessoas que apenas queriam viver como pensavam ser o melhor para elas, algo difícil em qualquer sociedade, mesmo porque:

A modernidade inventou e se serviu de uma lógica binária, a partir da qual denominou de diferentes modos o componente negativo da relação cultural: marginal, indigente, louco, deficiente, drogadinho, homossexual, estrangeiro etc. Essas oposições binárias sugerem sempre o privilégio do primeiro termo e o outro, secundário nessa dependência hierárquica, não existe fora do primeiro mas dentro dele, como imagem velada, como sua inversão negativa (DUSCHATZKY; SKLIAR, 2001, p. 123).

Se pensarmos o ano de 2011, não é diferente. Travestis, lésbicas, homossexuais e até heterossexuais “confundidos” foram assassinados. Alguns dados trazem a probabilidade de as travestis sofrerem uma violência maior, devido ao fato de sua imagem se atrelar à prostituição e às ruas. Nesse ano morreram 162 homossexuais no Brasil, dentre os quais 98 travestis e 7 lésbicas. Pernambuco (25 mortes) e São Paulo (24 mortes) são os estados que se destacam. Nota-se que a região nordeste é a mais violenta, uma vez que, possuindo menos habitantes que o sudeste, por exemplo, concentra um número de assassinatos maior por números de habitantes (GGB, 2013). Não podemos esquecer que algumas sociedades se apropriaram da construção histórica desses sujeitos como uma figura *desviada* da norma que fora dada como realidade, natural, indiscutida.

A Modernidade construiu várias estratégias de regulação e de controle da alteridade que, só em princípio, podem parecer sutis variações dentro de uma mesma narrativa. Entre elas a demonização do outro: sua transformação em sujeito *ausente*, quer dizer, a ausência das diferenças ao pensar a cultura; a delimitação e limitação de suas perturbações; sua invenção, para que dependa das traduções *oficiais*; sua permanente e perversa localização do lado externo e do lado interno dos discursos e práticas institucionais estabelecidas, vigiando permanentemente as fronteiras – isto é, a *ética* perversa da relação inclusão / exclusão –; sua oposição a totalidades de normalidade através de uma lógica binária; sua imersão e sujeição aos estereótipos; sua fabricação e sua utilização, para assegurar e garantir as identidades fixas, centradas homogêneas, estáveis etc. (DUSCHATZKY; SKLIAR, 2001, p. 121).

Para finalizar, o ano de 2012 foi o mais violento de todos os outros, ao registrar a morte de 338 pessoas (312 em 2013, por exemplo). Aqueles que se comportaram fora das normas e regras sobre o exercício das sexualidades perderam suas vidas por representarem a imagem do *outro* que deve ser contido, eliminado – ameaçadores de famílias, da ordem, os *perversos*. Nunca antes na história desse país foram cometidos tantos crimes e assassinatos homofóbicos como em 2012 – um a cada 26 horas, um crescimento de 177% nos últimos sete anos. O Brasil ocupa primeiro lugar no ranking mundial, concentrando 44% do total de execuções de todo o planeta (GGB, 2013).

Em São Paulo continuam a morrer mais homossexuais (45 no total), acompanhado de Alagoas, que permanece como o estado mais perigoso (18 no total), com um índice de 5,6 assassinatos por cada milhão de habitantes, sendo que, para toda a população brasileira, o índice é de 1,7<sup>4</sup> (GGB, 2013.). O nordeste continua sendo a região mais homofóbica do Brasil, pois, abrigando 28% da população, concentra 45% das mortes, seguido de 33% no sudeste e sul, 22% no norte e centro-oeste.

Poder-se-ia discutir outros dados, outras formas de violência, trazer novas questões, entretanto, devido ao espaço e à necessidade de responder a algumas questões objetivadas aqui, não será possível. Para além, é notório apenas destacar, para fechar o tópico, que outras violências se apresentam: de natureza simbólica, por exemplo, mas também casos hediondos de assassinatos, como a da travesti Idete, de 24 anos, de Campina Grande-PB, que teve sua execução filmada e divulgada na internet, levando 32 facadas, ou o caso do cantor Omar Faria, de Parintins-AM, que aos 65 anos foi morto com 27 facadas dentro de sua casa. (GGB, 2013).

### ***Quem é esse tal de Lampião da Esquina?***

Aqui apresentaremos e retornaremos ao primeiro jornal gay a circular no Brasil em nível nacional, no período de abril de 1978 a junho/julho de 1981, o *Lampião da Esquina*. Feito por e para homossexuais e todas as outras minorias<sup>5</sup> da época, vem a surgir após a tentativa de formação de uma antologia de literatura homossexual latino-americana, idealizada por Winston Layland (diretor da revista californiana *Gay Sunshine*), que ao entrar em contato com João Antônio Mascarenhas, único a assinar a sua revista em toda América Latina, propôs que o mesmo convidasse alguns escritores para essa antologia. Durante sua passagem pelo Brasil, houve uma reunião no apartamento do artista plástico Darcy Penteado, com alguns outros nomes além de Mascarenhas e Layland. Desse encontro surge a ideia de se fazer um jornal para homossexuais, feito por homossexuais. Abandonando a proposta da

---

<sup>4</sup> Destacamos que no estado do Acre aparentemente nenhuma morte com característica homofóbica foi constatada nos últimos dois anos; e que no estado de Minas Gerais, nos últimos dois anos, foram registradas 13 ocorrências, representando assim 0,6 mortes para cada milhão de habitantes.

<sup>5</sup> O conceito não trata de um grupo inferior numericamente, mas do sentido de desvantagens sociais se comparados com a grande parte da população majoritária, sendo objeto de preconceito e desigualdade de tal grupo dominante. Ou seja, não é um caráter numérico, e sim a posição subordinada do grupo dentro da sociedade. Ou, como destaca Edward MacRae: O termo “minorias” é adotado por ser essa a prática costumeira no Brasil e por apontar para o fato de que suas lutas se voltam preferencialmente para a melhoria das condições de existência de segmentos específicos da sociedade, mais do que às da população como um todo. Além disso, a “minoridade” desses grupos seria um reflexo da discriminação sistemática que sofrem, o que lhes veda o acesso a um poder político-econômico mais compatível com seus números. MACRAE, Edward. *A construção da igualdade: identidade sexual e política no Brasil da abertura*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990, p. 25.

antologia, que nunca saiu do papel, esses escritores, intelectuais, artistas etc. fundam o *Lampião* (edição nº 0 experimental; logo após passa a se chamar *Lampião da Esquina*).

O conselho editorial na edição experimental de abril de 1978 apareceu assim: Adão Acosta, Aguinaldo Silva, Antônio Chrysóstomo, Clovis Marques, Gasparino Damata, João Antônio Mascarenhas, Darcy Penteado (artista plástico), Jean Claude Bernardet (crítico de cinema), Peter Fry (antropólogo), Francisco Bittencourt (poeta e crítico de arte) e João Silvério Trevisan (cineasta e escritor). A função de coordenador de edição era desempenhada por Aguinaldo Silva. O periódico se apresentou com sete seções: *Opinião* (o equivalente ao editorial), *Ensaio*, *Esquina* (seção com artigos e notas variadas), *Reportagem*, *Literatura*, *Tendência* (seção cultural que se divide em *Livro*, *Exposição*, *Peça* etc.), e *Cartas na mesa*. No número cinco surge uma nova seção, chamada *Bixórdia*.

Nesse mesmo número, no editorial intitulado *Saindo do gueto*, os editores deixavam claro que não pretendiam abordar apenas as questões direcionadas aos homossexuais, mas de todos que sofriam com a repressão da sociedade da época por se comportarem “fora das normas”:

[...] Nós nos empenharemos em desmoralizar esse conceito que alguns querem impor – que a nossa preferência sexual possa interferir negativamente em nossa atuação dentro do mundo em que vivemos. Nós pretendemos, também, ir mais longe, dando voz a todos os grupos injustamente discriminados – dos negros, índios, mulheres, às minorias étnicas do Curdistão: abaixo os guetos e o sistema (disfarçado) de párias (SAINDO DO GUETO, 1978, p. 2).

O jornal surge no período marcado pelo declínio da ditadura militar e início da abertura política, resgatando ou trazendo à tona um assunto escondido, banalizado, tratado com menor importância, ou seja, os desejos, os prazeres, as sexualidades. *Lampião* surge dez anos depois da emergência do movimento de *afirmação homossexual* (termo usado na época), que já havia se mobilizado na Europa e na América do Norte<sup>6</sup>, para *acender os becos escuros onde se encontram as minorias*, dar visibilidade, fazer pensar de outra forma que não pela norma construída/imposta. O jornal foi responsável também pela propulsão do movimento homossexual no país, que surgiria alguns meses depois de sua fundação com o *Grupo Somos-SP*, idealizado por um dos editores do periódico, João Silvério Trevisan. Assim, pensando

---

<sup>6</sup> Sobre as “ondas” do movimento de afirmação homossexual no mundo e sua visibilidade no ano de 1969 com o episódio que ficou conhecido como *Batalha de Stonewall Inn*, ver: MARIUSSO, Victor Hugo da Silva Gomes. Movimento LGBT e Mídia no Brasil Contemporâneo: o *Lampião da Esquina* (1978-1981). In: Congresso Internacional de História da UFG/Jataí, n. 2, 2011, Jataí. *Anais II Congresso Internacional de História da UFG/Jataí: História e Mídia, Jataí Disponível em: <<http://www.congressohistoriajatai.org/anais2011/link%2058.pdf>>*.

como esse veículo se apresenta perante a violência sofrida por homossexuais, travestis e lésbicas, entre outros, naquele período<sup>7</sup>, destacaremos algumas reportagens para tentar refletir o comportamento e o interesse do jornal como um todo.

Na edição de maio de 1978 publicaram-se duas reportagens que tratavam de violência; uma simbólica e outra física<sup>8</sup>. A primeira é apresentada por meio da reportagem de Alexandre Ribondi, colaborador do jornal, que exhibe o caso do deputado Aluizio Paraguassu, do MDB. Paraguassu foi repreendido várias vezes na Câmara dos Deputados em Brasília por usar camisas leves, às vezes com o peito de fora, e calçar alpargatas ou sandálias. A reação da Câmara foi ríspida: “a moral das instituições havia sido ferida, houve reunião extraordinária que apreciou o assunto e o Deputado Aluizio Paraguassu foi punido com censura escrita. Assim, trocou as camisas leves por um conjunto safari e sapatos mais sociais” (RIBONDI, 1978, p. 8). A segunda apresenta a história de um *michê* conhecido como “Gaúcho”, que, junto com um amigo, saiu por Copacabana, no Rio de Janeiro, em busca de uma vítima para ser assaltada. Encontra o capitão-de-corveta Thales de Aquino Coelho, a quem chama de *viado*. O militar reage e é agredido a golpes de karatê, vindo a morrer, ali mesmo, sob forte pancadaria. Gaúcho foge, mas é preso no Hotel Miramar onde calmamente se misturara aos hóspedes, assistindo à televisão, para fugir da polícia (Cf.: CHRYSÓSTOMO, in: LAMPIÃO da Esquina, 1978, pp. 4-5).

Questões relacionadas à violência, em várias formas e em vários sujeitos, estão postas no jornal na maioria de suas edições, se não em todas, dependendo do viés adotado em cada reportagem. Uma edição se destaca entre as demais: *Crimes Sexuais* foi a capa da edição de número seis do *Lampião da Esquina*, da qual destacaremos algumas passagens. A página cinco apresenta quatro reportagens a respeito desses crimes – um deles envolvendo o padre Antônio Carneiro, em 21 de setembro de 1969, assassinado no Rio de Janeiro com um soquete de carne por Nikon Sino Martins, de 23 anos, com quem vivia há alguns meses (Cf.: SILVA, 1978, p. 5).

<sup>7</sup> Ressaltamos que o Grupo Gay da Bahia fez um levantamento de assassinatos de homossexuais no período em que surge e chega ao fim o *Lampião da Esquina*, o qual revelou os seguintes dados: de 1970 à 1979, 41 homossexuais mortos, e de 1980 à 1989, 503 (Cf.: GGB, 2012).

<sup>8</sup> A força simbólica é uma forma de poder que se exerce sobre os corpos, diretamente, e como que por magia, sem qualquer coação física; mas essa magia só atua com o apoio de predisposições colocadas, como molas propulsoras, na zona mais profunda dos corpos. (Cf.: BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010, p. 50). Na edição de número 10 do jornal, temos uma matéria sobre caso de um síndico que não queria mais que a travesti Veruskha se vestisse como mulher enquanto ali morasse, pois se a mesma quisesse continuar naquele local, deveria vestir gravata e paletó. (Cf.: SILVA, Aguinaldo. Síndico quer ver Veruskha usando gravata e paletó. *Lampião da Esquina*, n. 10, março de 1979, p. 3). Assim como caso de lésbicas que sofreram/sofrem com esse tipo de violência. (Cf.: ENTÃO, por que tanta repressão? *Lampião da Esquina*, n. 12, maio de 1979, pp. 8-10).

Outro crime foi o que ocasionou a morte de Décio Escobar. Décio foi estrangulado com um fio de náilon grená, com o qual seu pescoço foi amarrado ao gradil da cama colonial. Sua mãe disse que haviam sumido apenas duas coisas do apartamento: Cr\$ 660 e uma vitrola. Os criminosos repetiram a mesma história: mataram Décio para roubar, sem que fosse premeditado o crime; este fora decidido na hora. Parece que os assassinos roubaram algo apenas para justificar o crime e se esqueceram de dizer que Décio era homossexual e que eles (os assassinos) frequentavam sua casa. Na parede do quarto da vítima havia uma frase escrita com sangue: “Vingamos o nosso irmão às 23 horas do dia 17-4 (quinta-feira)”. Percebemos que, como destaca Wiesel:

Quando a linguagem fracassa, é a violência que a substitui. A violência é a linguagem daquele que não se exprime mais pela palavra. A violência é também a linguagem da intolerância, que gera o ódio. O ódio é irracional, impulsivo, implacável; suas forças sinistras impulsionam o que há de destruidor no homem. Seu ritmo é rápido, seu objetivo ameaçador, seu movimento inexorável (WIESEL, 2000, p. 7).

No mesmo número, João Silvério Trevisan apresentou três mortes na região do Vale do Paraíba, em São Paulo, associando-as a um de *Esquadrão mata-bichas*, com o título “No Vale do Paraíba, a caça às bruxas-bichas” (TREVISAN, 1978, p. 7)<sup>9</sup>. Temos mais dois assassinatos: o do pianista Fred Feldman, encontrado sem vida dentro do seu apartamento, no bairro de Copacabana, em 1970<sup>10</sup>, e o caso de Juarez Bezerra Viana, conhecido nos concursos de fantasia do Theatro Municipal como “O Cupido de Ouro”<sup>11</sup>.

*Lampião*, enquanto “vivo”, foi uma ferramenta fundamental não só para denunciar esses tipos de violência, a repressão sofrida pelas “minorias”, mas também para expor a imagem dos homossexuais de maneira positiva, apresentando outros artigos e reportagens que os legitimavam e não os excluía, mostrando que essa pecha de pecaminosos, doentios,

---

<sup>9</sup> A edição n. 20, de janeiro de 1980, traz a matéria “Um esquadrão mata-bicha”, a qual relata casos de linchamentos contra homossexuais nas cidades brasileiras. A matéria é assinada por Aguinaldo Silva: “Os freqüentes casos de linchamento ocorridos nos últimos meses em várias cidades brasileiras me deixam particularmente inquieto; basta ler o noticiário a respeito para perceber que na raiz de cada um deles esteve, sempre, a questão da diferença: alguma coisa nos linchados na tornava à parte aos olhos da multidão, e era esta exceção detectada no comportamento de cada um o que dava razão a violência” (SILVA, in: LAMPIÃO da Esquina, 1980, p. 3).

<sup>10</sup> “Fred pegou um pedaço de pau que tinha no apartamento, perto da cama e deu-me uma pancada no ombro, ferindo-me também o nariz. Tomei-lhe o pau e dei-lhe a primeira pancada no frontal. Ele caiu na cama. Dei mais dois golpes. Ele agonizava” (SILVA, in: LAMPIÃO da Esquina, 1978, p. 5). Foi assim que Anibal Fonseca, de 23 anos, contou no dia 12 de novembro de 1970 como foi que matou três dias antes o pianista.

<sup>11</sup> O crime teve características de violência diferentes do caso Décio Escobar, mesmo sendo praticado pelo mesmo motivo, o de roubo. Juarez resistiu desesperadamente aos assassinos (com um deles, pouco antes, segundo a confissão do próprio, tinha mantido relações sexuais), levando por causa disso, 22 facadas (Cf.: IDEM, IBIDEM).

perversos, anormais etc. não passava de uma construção histórica preconceituosa, machista, patriarcal etc., procedente de diversos discursos. Assim, podemos perceber o *Lampião da Esquina* como pioneiro da imprensa gay nacional, sem esquecer que, antes de seu surgimento, havia outros periódicos, como o caso do *Snob* (1963-1969), de Agildo Guimarães no Rio de Janeiro, circulando em um pequeno grupo de pessoas, a quem os editores do jornal também eram gratos: “Você para nós Agildo, é gente finíssima. Entre outras coisas porque sabemos que se você não começasse com o *Snob*, nunca chegaríamos a *Lampião*” (LAMPPIÃO DA ESQUINA, 1978, p. 14).

Os editores não perdoaram e nem deixaram de mostrar como os que fogem da norma, tidos como marginais, foram tratados em nossa sociedade brasileira. Logo após a abertura política no país, *Lampião* passou a não ser o único a trazer esses tipos de reportagem, porém a maneira como as tratava não chegava nem perto da maneira preconceituosa e machista que os veículos da grande imprensa fariam.

### ***Imprensa gay na atualidade?***

Aqui pensaremos o papel social da mídia gay na atualidade, para sustentar uma de nossas hipóteses, a de que talvez ela não esteja tão preocupada, ou não se expõe em relação à violência frequente contra os homossexuais<sup>12</sup>. Quem é essa mídia? Quais suas intenções? Como percebê-la como ferramenta política? Entre outras tantas perguntas, que papel social cumpre a mídia impressa gay no Brasil? – esse “‘sistema’ cultural complexo, que possui uma dimensão simbólica, que compreende a (re)construção, o armazenamento, a reprodução e a circulação de produtos repletos de sentidos, tanto para quem os produz como para os que consomem” (MEDRADO, 2000, p. 244).

O *Lampião da Esquina*, ao expor as matérias que tratavam da violência contra as “minorias” ou não, buscava refletir as causas ou os discursos que a justificavam, direcionando críticas à religião, à medicina, à ciência e ao Estado, por exemplo; ou seja, a todos que tratavam os homossexuais como *anormais*, no sentido de estarem à margem da heteronormatividade e a ameaçarem. Dentre outras coisas, os editores do *Lampião* sempre posicionaram seus discursos para além da simples informação, direcionando-se também para

---

<sup>12</sup> Cf: MARIUSSO, Victor Hugo da Silva Gomes. *Lampião da Esquina: homossexualidade e violência no Brasil* (1978-1981). Uberlândia - MG, 2015, 209 fls. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História - Universidade Federal de Uberlândia, 2015.

a construção do lugar daqueles sujeitos naquele período. Mas, e hoje? O que é a mídia impressa gay?

Hoje três periódicos direcionados ao público homossexual se destacam no Brasil masculino: a *G Magazine*, voltada para o erótico e ensaios nus; *Junior*, surgida em 2007 e vendida também em Portugal<sup>13</sup>; e *H Magazine*, da mesma editora da *Junior*, a Mix Brasil, surgida em 2012. Percebe-se também o menor número ou a inexistência de revistas para travestis, transexuais e lésbicas, por exemplo. Não que tenham que existir de forma tão categórica, mas que outras identidades sexuais possam pensar a respeito de sua e de todas outras tantas identidades.

É evidente que o tempo é outro, assim como suas relações, permeando ou variando algumas, e que não cabe imaginar um jornal como o *Lampião da Esquina* no presente, porém suas atitudes, seus discursos, suas posições representam uma ferramenta de combate à repressão diária contra aqueles que estavam à margem da norma no período, além de contribuir para pensarmos como um instrumento como a mídia impressa pode ser peça de análise histórica – e não só, mas que ela pode ser percebida como aquela que fala por si, e também em nome dos outros.

Não é de hoje que se vem tentando um entendimento, através de estudos embasados em diferentes paradigmas, das influências da mídia nas relações sociais. Do lado do emissor, não se pode negar que transformações na cultura são captadas, reforçadas e geradas por esses meios. Tampouco é possível negar a existência de uma intencionalidade, assim como a ideia de que os significados produzidos não são neutros: a mídia lida com ideias, objetivos e interesses; acompanha mudanças, introduz temáticas, busca vender produtos (RIBEIRO, 2007, p. 221).

Mas a imprensa gay de hoje fala por e para quem? Qual o papel político dessa imprensa? Não estamos dizendo que essas formas de mídia não possam existir, entretanto, pensar que um homossexual morre a cada 26 horas no Brasil – e a imprensa que se diz voltada para esse público não se incomodar – é um tanto digno de reflexão. Passados 34 anos do fim do *Lampião da Esquina*, podemos perceber que a violência contra os homossexuais no Brasil ainda é um problema. As discussões tanto no âmbito acadêmico, quanto no cotidiano dos sujeitos, quanto na própria imprensa gay no Brasil sobre as (homo)sexualidades é algo ainda

---

<sup>13</sup> MARIUSSO, Victor Hugo da Silva Gomes. *Da invisibilidade ao mercado: movimento LGBTTTT e consumo no Brasil contemporâneo* [trabalho de conclusão de curso]. Aquidauana: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Curso de Turismo, 2013.

considerado novo. Porém, as relações entre pessoas do mesmo sexo e a violência contra elas, não. Mesmo assim, podemos observar uma diversidade de produções sobre as homossexualidades, entretanto, poucas desenvolvidas no campo da história. Assim, incomodamo-nos, voltamos, e pensamos que a construção das homossexualidades serviu para firmar a norma e manter a diferença como sinônimo de desigualdade.

A violência contra sujeitos que se comportam fora da norma heterossexual está aí, e cabe a nós, não só como pesquisadores, mas como sujeitos, indagar porque tamanho ódio, e buscar formas de construir uma sociedade menos repressora e hostil.

### Referências bibliográficas

ANSART-DOULEN, Michèle. A noção de alteridade: do sujeito segundo a razão iluminista à crise de identidade no mundo contemporâneo. In: NAXARA, Marcia Regina Capelari; MARSON, Izabel Andrade; MAGALHÃES, Marion Brepohl de. (Org.). *Figurações do outro na história*. Uberlândia: EDUFU, 2009. pp. 23-35.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

CHRYSÓSTOMO, Antônio. Os caubóis, seus clientes: todos querem ser felizes no triângulo da badalação. *Lampião da Esquina*, n. 1, maio de 1978, p. 4.

DUSCHATZKY, Silvia; SKLIAR, Carlos. O nome dos outros. Narrando a alteridade na cultura e na educação. In: LARROSA, Jorge; SKLIAR, Carlos. (Org.). *Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. pp. 119-138.

ENTÃO, por que tanta repressão? *Lampião da Esquina*, n. 12, maio de 1979, pp. 8-10.

GRUPO Gay da Bahia. Assassinatos de Homossexuais no Brasil. In: *Quem a homotransfobia matou hoje?* 2012. Disponível em: <<http://homofobiamata.wordpress.com/estatisticas/ultimo-relatorio/>> Acesso: 12 jun. 2013.

HAROCHE, Claudine. O outro e o eu na fluidez e desmedida das sociedades contemporâneas. In: NAXARA, Marcia Regina Capelari; MARSON, Izabel Andrade; MAGALHÃES, Marion Brepohl de. (Orgs.). *Figurações do outro na história*. Uberlândia: EDUFU, 2009. pp. 37-62.

MACRAE, Edward. *A construção da igualdade: identidade sexual e política no Brasil da abertura*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

MARIUSSO, Victor Hugo da Silva Gomes. *Lampião da Esquina: homossexualidade e violência no Brasil (1978-1981)*. Uberlândia - MG, 2015, 209fls. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História - Universidade Federal de Uberlândia, 2015.

\_\_\_\_\_. Movimento LGBT e Mídia no Brasil Contemporâneo: o *Lampião da Esquina* (1978-1981). In: Congresso Internacional de História da UFG/Jataí, n. 2, 2011, Jataí. *Anais II*

*Congresso Internacional de História da UFG/Jataí: História e Mídia, Jataí* Disponível em: <<http://www.congressohistoriajatai.org/anais2011/link%2058.pdf>>. Acesso em: 27/03/2014.

\_\_\_\_\_. *Da invisibilidade ao mercado: movimento LGBTTT e consumo no Brasil Contemporâneo*. 2013. 60 f. Monografia (Curso de Turismo). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Aquidauna, 2013.

MEDRADO, Benedito. Textos em cena: a mídia como prática discursiva”. In: SPINK, Mary Jane (Org.). *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*. São Paulo: Cortez, 2000. p. 243-271.

RIBEIRO, Cláudia Regina & SIQUEIRA, Vera Helena Ferraz de. O novo homem na mídia: ressignificações por homens docentes. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, 2007, p. 217-241. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdfrevf15n1a13v15n1.pdf>>. Consultado em 04/07/13>.

RIBONDI, Alexandre. Dá-lhe, Paraguassu. *Lampião da Esquina*, n. 1, maio de 1978, p. 8.

SAINDO do Gueto. [Editorial]. *Lampião da Esquina*, n. 0, abril de 1978, p. 2.

SCARRY, Elaine. The difficulty of imagining other people. In: NUSSBAUM, Martha; COHEN, Joshua (ed.). *For love of country?* Boston: Beacon Press, 2002. p. 98-110.

SILVA, Aguinaldo. “Anormal assassinado em Copacabana...” (Cada um tem a morte que fez por merecer?). *Lampião da Esquina*, n. 6, novembro de 1978, p. 5.

SILVA, Aguinaldo. Síndico quer ver Veruskha usando gravata e paletó. *Lampião da Esquina*, n. 10, março de 1979, p. 3.

SILVA, Aguinaldo. Um esquadrão mata-bicha? *Lampião da Esquina*, n. 20, p. 3, janeiro de 1980, p. 3.

SOUSA NETO, Miguel Rodrigues de. *Homoerotismo no Brasil contemporâneo: representações, ambiguidades e paradoxos*. 2011. 187f. Tese (Doutorado em História Social), Programa de Pós-Graduação em História - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2011.

TREVISAN, João Silvério. No vale do Paraíba, a caça às bruxas-bichas. *Lampião da Esquina*, n. 6, novembro de 1978, p. 7.

WIESEL, Elie. Prefácio. In: BARRET-DUCROCQ (Org.). *A intolerância: Foro Internacional sobre a Intolerância*, Unesco, 27 de março de 1997, La Sorbonne, 28 de março de 1997. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. pp. 7-9.